

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SÓBRE OS MEHINACOS DO ALTO XINGU

Prof. Paulo A. Froehlich

O presente trabalho resulta de observações pessoais colhidas durante uma viagem feita ao Parque Nacional do Xingu nos meados do corrente ano, e portanto, o critério adotado é o de passar para o papel observações decorrentes de fatos verificados nos lugares por onde passei, e descrições de cenas presenciadas por mim.

No último mês de junho do corrente ano tive a oportunidade de me dirigir ao Parque Nacional do Xingu, que é administrado pelos sertanistas Orlando, Cláudio, e Álvaro Villas Boas. Desembarquei de um avião C-47 da Fôrça Aérea Brasileira no Pôsto Leonardo Villas Boas (antigo Pôsto Capitão Vasconcellos), no dia 5 de junho, tendo sido recebido pelo Sr. Orlando Villas Boas e por um pequeno grupo de índios Kaiabi e Kamaipurá.

Sendo êsse o primeiro contacto que tive com índios brasileiros, não posso realmente oferecer um trabalho de alto nível, mas um trabalho de iniciação, levando-se também em conta que estou iniciando pesquisa no setor indígena brasileiro. Entretanto, farei o possível para dar informações verídicas sobre a situação atual dos Mehinaco do Brasil Central. Também quero esclarecer que o meu campo de pesquisa é o lingüístico. Este trabalho servirá tão somente de introdução a um trabalho posterior sobre alguns aspectos da língua dos Mehinaco.

Mesmo antes de partir para o Alto Xingu, já tinha em mente iniciar o trabalho lingüístico com algum grupo do tronco Aruak, isto por sugestão do Prof. Roberto Cardoso, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em uma reunião prévia à viagem.

Chegando ao Parque Nacional do Xingu, as circunstâncias também favoreceram o início da pesquisa com os índios Aruak.

Alguns dias após a chegada ao Pôsto Leonardo, recebeu o mesmo Pôsto a Unidade Médico Sanitária, e, em virtude disso, os grupos indígenas mais próximos foram chamados até o Pôsto, especialmente para que trouxessem os índios doentes. Conseqüentemente, os Mehinaco, residindo relativamente perto do Pôsto Leonardo, atenderam ao pedido e rumaram para o Pôsto, ficando vários dias submetidos a tratamento, e, junto com os demais índios, submetendo-se a vários testes médicos por parte da Unidade Médico Sanitária. Terminado êsse trabalho, aproveitei a oportunidade que se oferecia de ir junto com os Mehinaco para o seu aldeamento. Isto se deu no dia 19 de junho. Saindo de manhã, chegamos ao aldeamento por volta das 15 horas.

Os índios Mehinaco constituem um dos aldeamentos que se encontram no Parque Nacional do Xingu. Pertencem ao Tronco Aruak, como já foi dito. Existem, ainda, dentro do Parque Nacional do Xingu, representantes dos outros 3 principais troncos lingüísticos indígenas do Brasil: Tupi, Karibe, e Jê (Kaiapó). O Tronco Aruak do Alto Xingu é atualmente constituído das aldeias dos Mehinaco e dos Waurá. Há ainda a notícia da existência do Grupo Kustenau, mas o mesmo está extinto. Entretanto, quando ainda me encontrava no Pôsto Leonardo, pouco antes de minha partida para a aldeia dos Mehinaco, junto com um grupo de índios Yauwalapiti que também tinham ocorrido ao Pôsto, encontrava-se um índio relativamente jovem, de nome **Ityana**, que se dizia o último representante do Grupo Kustenau. Ele reside atualmente junto com os Waurá. Auscultado sôbre sua língua, disse não saber mais nada, porém o que provavelmente deve ter acontecido é que a sua língua foi absorvida pela dos Waurá, tendo-se em conta, principalmente, que segundo testemunhos anteriores, as duas línguas eram muito semelhantes.

Até mais ou menos fins do ano de 1962 os Mehinaco residiam mais ao norte, às margens do Rio Kurisevu que, jun-

tamente com o Rio Kuluene, é o principal formador do Xingu. Segundo informes dos próprios índios Mehinaco, era um local de muita fartura, e bem melhor que o aldeamento atual. Aproximadamente na mesma época, porém, foram mais uma vez atacados pelos ferozes índios **Txicão**, que conseguiram incendiar a aldeia dos Mehinaco, além de causar muitas mortes e ferimentos. O próprio capitão (térmo usado na região para indicar o chefe ou cacique de uma aldeia) dos Mehinaco foi flechado nas costas, tendo tido necessidade de ser levado a um hospital. Cansados de serem atacados pelos Txicão, os Mehinaco resolveram emigrar mais para o sul, e segundo testemunho dos mesmos ocuparam uma antiga aldeia Yauwalapiti, já abandonada. Essa aldeia, como é de se esperar, está muito velha, com casas que revelam um grande desgaste devido ao longo uso, e situa-se num dos braços do Rio Tuatuari, que corre a desembocar no Kuluene.

A viagem que fiz do Pôsto Leonardo até a aldeia dos Mehinaco foi muito interessante. Saindo do Pôsto, atravessa-se o Tuatuari e faz-se uma marcha de aproximadamente uma hora. À frente ia o índio **Kawakanamū**, casado com uma das filhas (**Aritsé**) do chefe de uma das casas (**Yaipana**), e com uma certa influência sôbre os Mehinaco. Ao fim da marcha chegamos a um pôrto, onde havia algumas canoas. Como tínhamos que esperar a bagagem que tinha seguido de canoa, e demoraria para chegar, todos aproveitaram para se alimentar. Depois de algum tempo chegou a outra canoa e tendo êles se alimentado também, saímos todos juntos, subindo o Tuatuari, numa região de cerrado, onde predomina a palmeira Buriti. É uma região muito bela e atraente; onde quer que se olhe notam-se centenas de pés de buritis no meio de uma vegetação tanto baixa, de terreno em geral pantanoso, e cheia de cipós. Tudo isso compõe uma paisagem muito bela e encantadora, como podemos notar pela foto 1, inserta no final dêste artigo.

O Tuaturi é formado de muitos braços pequenos, muitos dêles entrelaçados. A êste tipo de rio os Mehinaco chamam de

itsautáku, isto é, rio que tem buriti, rio de buriti, em contraste com **unuêni**, rio de muita água, que são os rios maiores. São fatos característicos do Tuatuari os poços ou buracões com uma profundidade de até 5 metros mais ou menos, em contraste com a grande parte do leito do rio que apresenta margens estreitas e rasas. Outro fato assaz comum nesse rio são as lagoas (chamadas na língua Mehinaco **auíá**), certos lugares onde o rio se alarga, formando uma espécie de lagoa, que é muitas vezes usada pelos índios para a pesca, por meio do cipó timbó, denominado na língua Mehinaco **tyúna**. Infelizmente não pude presenciar uma pescaria desse tipo, mas pude ver na viagem ao longo do Tuatuari várias “barragens” feitas de tocos, palha, e folhagem. Nesses lugares, o índio também constrói uma espécie de pouso sôbre as águas, constituído de troncos fincados no leito do rio e com uma plataforma, de onde se pode mais facilmente flechar os peixes já tontos com o cipó **tyúna**.

Como a canoa em que viajávamos estivesse muito carregada e portanto pesada para o índio que remava, descemos, depois de várias horas de viagem rio acima, num pôrto distante aproximadamente uma hora da aldeia. Saindo do pôrto, atravessa-se um mato relativamente limpo, que é de uma vegetação de transição entre o cerrado do Brasil Central e a selva amazônica. Do outro lado dessa mata, depois de caminhar-se durante mais ou menos meia hora numa espécie de clareira, chega-se à aldeia dos Mehinaco, situada numa pequena elevação que dista aproximadamente uns 500 metros de um dos braços estreitos do Tuatuari. E’ também muito comum nessa região, ao lado de árvores de porte médio, o sapé **huká**, que prolifera em tôda a região.

A aldeia dos Mehinaco, como podemos ver pelas figuras 2, 3, 4, e especialmente a de n.º 5 é composta de 5 casas (pa:im), e mais uma **kuakuhú**, ou “casa de homem”. Dêsse total sômente 4 são habitações típicas xinguanas, e que são respectivamente as casas de Yaipána (A), Watukú (B), Ayuruá (C), e a **kuakuhú** (F). A casa de Yenapá (D), é bem me-

nor que as outras, tem a forma circular e não é bem típica de habitação xinguana. As casas A, B, C, e F têm a forma de um círculo estendido numa das direções. Há ainda uma casa em construção: vêem-se apenas os dois pilares centrais e os troncos que delimitam a extensão da mesma, como podemos notar pela figura 4 (casa G).

Essa casa (G), está sendo construída por Yenapá e seus familiares, mas durante o tempo que permaneci na aldeia os trabalhos de construção estiveram interrompidos. As maiores construções são as das casas de Ayurá e a de Watuku. A casa de Ayurá e a de Watuku são muito semelhantes, ao passo que a de Yaipána é mais circular e a menor das habitações grandes. As grandes habitações medem aproximadamente uns 10 metros de altura por uns 15 metros de diâmetro, na extensão maior. A construção de uma casa segue os seguintes estágios, embora nem sempre na mesma ordem: 1) delimitação e limpeza da área a ser usada para a nova construção; 2) busca e colocação dos 2 pilares centrais; 3) busca e colocação dos pilares laterais delimitadores da extensão da casa; 4) busca e colocação de mais duas vigas em posição inclinada e junto de cada um dos pilares centrais, formando duas tesouras de suporte; 5) busca e colocação da estrutura de madeira fina feita de pindaíba; varas levemente curvas que sobem do chão até o alto da casa e as varas horizontais em volta da mesma; 6) busca e colocação de uma viga menor, ligando os dois pilares centrais; 7) busca e colocação de palha: esta deve ser apanhada bem cedo de manhã, quando ela é flexível; com o calor do dia torna-se quebradiça e imprestável para ser usada. Ainda se costuma molhar com água a palha nas varas horizontais, resultando uma camada de palha de uns 15 centímetros de espessura; 8) busca de vigas e construção de uma plataforma no interior da casa, que servirá de armazenamento de alimento. Finalmente se dá a ocupação da nova casa, com a construção de um fogão central, chamado **héhé**, onde se prepara o beiju, chamado na língua Mehinaco, **ulépe**. Todas as casas têm 2 portas: uma voltada para o centro da aldeia e a outra para o lado oposto, ou seja, a parte da casa que dá para o lugar onde as

mulheres trabalham na mandioca. Essa estrutura, ao mesmo tempo forte e leve, não recebe nenhum prego, é toda amarrada com embira de buriti. Esta estrutura também protege o índio na época da seca: **kama-kawa**, ou seja, a época “quando faz muito sol”, pois **kama** é sol; e proteção contra a chuva na época das águas: **unetakupai**, “quando há muita água”. Na parte de trás de toda casa há uma pequena construção rústica feita de tocos de aproximadamente 1,50 m e cobertos de palha e onde as mulheres trabalham com mandioca.

A casa de Ayuruá, o capitão e o chefe dos Pajé dos índios Mehinaco, é um pouco mais longa que as demais, e na parte de trás, além do espaço reservado para o preparo da mandioca, há ainda uma pequena construção circular para o fabrico de panelas, pois os Mehinaco, como os Waurá, são os grandes fabricantes de panelas da região. Há ainda uma outra casa, cujo dono é **Kamináku**, que mais se assemelha a uma choupana de caboclo que a uma casa xinguana. Tem quatro paredes feitas de troncos relativamente finos e o telhado tem duas caídas que se encontram e se sobrepõem uma à outra, no alto. Entretanto, aqui também não são usados pregos, mas sim o processo natural da região, isto é, embiras de buriti. O telhado também é coberto com palha segundo técnica local, como já foi descrito acima. Nessa casa, apenas a parte do telhado que dá para o nascente está terminada; a outra parte, no momento em que deixava a aldeia, estava sendo coberta provisoriamente com folhas de palmeira. Também havia apenas 2 paredes completas, as outras ainda estavam por terminar. Esta casa começou a ser usada depois de minha chegada, pois quando atingi a aldeia, **Kamináku**, sua mulher, chamada **Tikuri** e seu filho **Yari**, ainda moravam na casa de Yaipana, ao lado da rede de **Autuiawá**, pelo fato de **Kaminaku** ter ligações de sangue com essa casa. A casa de homem, **kuakuhú**, é uma casa um tanto longa, um pouco menor que a casa de Ayuruá, e um pouco mais baixa, como podemos ver pela figura n.º 2.

No interior dessa casa nota-se primeiro um grande tronco de árvore que serve de banco. Na parte superior vemos

pendurados um certo número de enfeites, especialmente zunidores: **matábu**, uma flauta grossa e curta: **yanapi**, usada no ritual dos **kezu-iumeikipai**, “quando a lua está sangrando”, ou “lua sangue” como dizem os índios. Este é o nome que eles dão para o eclipse. As mulheres não podem entrar na **kuakuhú**. A porta é muito baixa, para impedir a visão do que se passa no seu interior. Pode-se dizer que é uma espécie de casa de clube, onde os homens conversam, fazem os seus enfeites e combinam sobre atividades a serem realizadas. No lado exterior da casa, na parte que dá para o centro da aldeia, notamos também um tronco de árvore que é usado especialmente pelos homens, e também pelas crianças, para sentar e conversar. Isto se dá geralmente à tardinha, depois do trabalho do dia, até quase o anoitecer. A **kuakuhú** também é usada pelos Pajé para efetuarem rituais de cura, embora também realizem cerimônias de cura nas casas onde os doentes se encontram recolhidos.

A vida diária do índio é bastante simples, mas também exige esforços e o conhecimento de certas habilidades necessárias à sua sobrevivência. Não podemos dizer que os índios sejam preguiçosos, ao contrário, antes que o sol nasça já estão eles sentados ao redor de um fogo, conversando e discutindo o que vão fazer. As mulheres são também bastante ativas. Bem cedo de manhã, também antes do sol nascer, estão elas fiando um algodão grosso e áspero: **ayupé**, encontradiço na região. Na casa de **Yaipana**, onde fiquei alojado, havia duas mulheres que iniciavam a atividade da fiação muito cedo, quando era ainda noite, pouco antes do clarear. Eram elas **Yakulu**, de origem **Kamaiurá** e casada com **Pitsá**; e **Aritsé**, filha do chefe da casa e irmã de **Pitsá**, casada com **Kawakanamû**. Isto se dava principalmente pelo fato dessas duas mulheres estarem esperando o seu primeiro filho, e estavam preparando bastante fio de algodão para as necessidades futuras. O algodão é conservado em panelas de barro, e a operação é da seguinte maneira: tomando um fuso de madeira, formado de um disco e um eixo que passa através deste, em primeiro lugar a mulher toma uma porção do algodão e estende para que adquira uma forma longa e fi-

na. A seguir, coloca o eixo do fuso sôbre a perna e com a mão imprime um movimento giratório ao algodão, que se entrelaça com êsse movimento, formando assim uma espécie de fibra regular. Logo a seguir ela ainda examina os pontos defeituosos e corrige-os. Então, colocando a ponta inferior do eixo do fuso sôbre a perna, imprime com a mão esquerda um movimento giratório sôbre o mesmo, enquanto que com a mão direita conserva estendida a parte do algodão pronta para ser enrolada no fuso. Aí o processo repete-se. Êsse algodão é usado para a fabricação de rêdes, esteiras, braçadeiras, e outros objetos. Logo que clareia o dia, as mulheres vão até ao rio e tomam o seu primeiro banho, ao mesmo tempo que aproveitam para trazer água em grandes panelas de barro, porém notam-se também algumas panelas tipo caldeirão, feitas pelo civilizado, o que já constitui uma certa influência sôbre o índio; entretanto, nota-se que a panela do civilizado é usada com a mesma finalidade que a antiga panela de barro e não para outros fins, não indicando até aí, pelo menos, uma quebra da velha estrutura. Êste fato também pode ser observado em relação a outros utensílios introduzidos pelo civilizado.

Voltando para a aldeia com as panelas cheias de água, a maioria das mulheres dirige-se então para a roça de mandioca, para colhê-la. Depois de colhida, a mandioca é transportada para a aldeia em cestas feitas de fibras vegetais da região. As mulheres colocam essas cestas sôbre a cabeça, protegida apenas por uma rodilha feita de fibras de algodão e enrolado por fibras de buriti. Em muitas ocasiões, enquanto as mulheres trabalham colhendo a mandioca, os homens ficam trabalhando na limpeza da roça e no replantio da mandioca, que geralmente é feito logo após a colheita, colocando-se varas de mandioca alguns palmos dentro da terra, em posição um pouco inclinada, para que brote outra vez. Na atualidade, quase todos os homens possuem uns facões longos, obtidos do civilizado, e com os quais êles limpam as roças de mato. Voltando em fila indiana para a aldeia, as mulheres carregam as cestas cheias de mandioca. Chegando, inicia-se então o longo processo de retirada do veneno da mandioca, pois a única variedade usada

pelo índio é a mandioca brava. Em primeiro lugar a mandioca é colocada em grandes panelas: **ta:im**, onde é lavada. Então retira-se a casca da mandioca, raspando-se com umas conchas contradanças na região. A mandioca é assim reduzida a raspa. Depois, tomando uma esteira, a índia coloca sôbre a mesma porções da raspa e vai apertando-a, permitindo assim o escoamento do veneno. Depois de repetir muitas vêzes êste processo, resta uma espécie de massa compacta, que é colocada em plataformas para secar ao sol. Então tôda essa mandioca, se não fôr usada no momento, é recolhida e depositada em cestos grandes situados sôbre o fogão, que constituem a dispensa, para a estação das chuvas. Porém notei uma grande penúria e pobreza a êsse respeito; apenas um cesto meio vazio podia ser visto nessa dispensa, e a mandioca não usada era recolhida num cesto relativamente pequeno, colocado no chão, ao lado do fogão.

A porção de mandioca que vai ser usada para fazer o **ulépe** (ou **beiju** como se diz na língua Kamaiurá), sofre o seguinte processo: a índia toma uma certa quantidade de mandioca sêca, coloca num pirão grande que fica atrás do fogão e reduz a mandioca a farinha. Para ficar mais fina ainda, usa uma peneira de fibra, também para que a mesma fique bem uniforme. Depois, aproxima-se do fogão, que é constituído de uma chapa de barro cozido, de aproximadamente 50 cm de diâmetro, e derrama sôbre a chapa quente essa farinha, alisando-a com a mão até que forme uma camada fina e uniforme. Devido a uma liga natural, a farinha torna-se uma camada fina de beiju. Com uma espátula de madeira, a índia ainda solta os poucos pontos onde a mandioca possa ter aderido à chapa quente. Quando há suficiente liga, ela vira de lado e deixa mais alguns minutos e logo retira o beiju, que está pronto. Para fazer outra porção de beiju, limpa a chapa com uma espécie de espanadeira feita de palha de sapé.

O índio Mehinaco não tem hora certa de comer. Mas nota-se que logo depois que as mulheres chegam da roça, uma por uma vai fazendo o beiju, que é servido a todos os membros da casa. O beiju é feito várias vêzes ao dia, pois cons-

titui o seu alimento básico, junto com o peixe. Acontece também miuto amiúde que alguns homens vão pescar bem cedo e voltam mais ou menos à hora em que as mulheres voltam da roça, ou um pouco mais tarde. Trazido o peixe, êste é imediatamente preparado. Em geral, na maioria das vêzes, quando estão em suas casas, as índias preparam o **wakulá?** (1), que consiste de beiju de mandioca e peixe assado. A mulher recebe o peixe já limpo, acende o fogo dentro da casa, geralmente perto de sua própria rêde de dormir e coloca o alimento dentro de uma panelinha denominada **wakulatá:ím**, ou seja, panela para se fazer o **wakulá?**. Depois que o peixe esteja bastante amolecido, coloca uma pimenta um pouco semelhante à nossa pimenta do reino, chamada **katamuti**, com um pouco de sal vegetal extraído da cinza de certas árvores. Ainda deixa ficar um certo tempo ao fogo, e então, tomando uma porção de beiju, coloca sôbre o mesmo uma porção do peixe, reduzido a uma espécie de pasta. Está pronto o **wakulá?**. Outro alimento muito comum é o que se chama de **nukaya**, feito de farinha de mandioca fervida com água por muito tempo; é geralmente servido à tarde, mas pode ser também feito a qualquer hora do dia. A alimentação dêsses índios é muito simples, como já disse. Os dois elementos básicos são a mandioca: **urleitsi**, e o peixe: **kupati**. Entretanto, farei ainda os seguintes reparos sôbre a sua alimentação: a caça para alimento é praticamente tôda ela tabu, sômente a mulher depois do parto e durante o período do resguardo come carne de macaco: **pahú**, ou de mutum: **yelakiri**, e não pode comer peixe. E quando um casal tem o seu primeiro filho não só o homem tem que acompanhar a mulher na alimentação, como também fica prêso por três meses em sua própria casa. Foi o que aconteceu na aldeia Mehinaco no dia de minha saída, quando Yakulu, casada com Pitsá, começou a sentir os primeiros sinais do parto, e logo os demais índios começaram a dizer que Pitsá ia ficar prêso durante 3 luas, isto é, três meses. Nessa épo-

(1) — Por deficiência tipográfica, o ponto de interrogação representa o sinal indicador do fechamento glotal.

ca, a mulher também tem que prover a comida para o marido, e amamentar a criança, porém ela é auxiliada pelos demais nesse mister. Os índios também gostam muito de um mel incolor, silvestre, chamado **pyalá**, o qual é depositado por uma vespa silvestre sobre os cachos de um arbusto muito comum nas roças de mandioca. A vespa deposita o mel junto ao cabo do cacho. Para chupá-lo o índio apenas aplica a boca junto ao cacho e o mel solta-se. Esse mel é muito mais líquido que o mel das abelhas comuns, pois com qualquer estremecimento da planta êle escorre ao chão. O fruto do pequizeiro, uma castanha pequena, também é bastante apreciada pelos índios. As crianças especialmente gostam muito de algo que o civilizado olharia com desdém: larvas de cupim de árvore: **munutápa**, de côr esbranquiçada, semelhantes às larvas de formiga. Também se alimentam às vêzes de mel de abelha preta, silvestre, que faz favos em troncos caídos. Eles dão o nome de **mápa**. Com o mesmo mel fazem uma mistura com água, que bebem avidamente, pois o índio é loucamente desejoso de doces e açúcar.

No que se refere à pesca, o índio Mehinaco a pratica de vários modos. Já referi a pesca com cipó timbó. Também usam uns covos para pesca: **atapiñé**, que colocam em uma passagem estreita do rio, enquanto que fazem barulho para os peixes se dirigirem para o local onde se encontram os covos. A forma dos covos é como aparece na figura 7.

Os índios do Alto Xingu também pescam com arco, flecha e lança, porém os Mehinaco não são peritos nesse tipo de pesca; ao que parece, e por informação dos próprios Mehinaco, os Yauwalapiti são os mais adestrados nesse mister. A flecha para essa pesca tem na ponta uma fisga, que pode ser feita de esporão de arraia. Ou também pode ser um anzol de civilizado endireitado para ser colocado na ponta da flecha. Há algumas flechas até com duas fisgas para prender melhor o peixe. As flechas com esporão de arraia apresentam determinada forma na sua ponta (chamada na língua Mehinaco **kokati**), a qual pode ser apreciada através da figura 6.

Na pesca com arco e flecha, como na pesca com lança, a canoa é elemento imprescindível. Enquanto o índio que fica na parte da popa dirige lentamente a canoa, procurando fazer o menor ruído possível, o da proa permanece de pé sobre uma pequena plataforma plana existente na ponta da canoa, e acompanha, de arco e flecha na mão, com o olhar, os movimentos dos peixes, o que é relativamente fácil, pois a água de um bom número de rios do Alto Xingu é muito clara. Surgida a oportunidade, flecha os peixes; pode errar muitas vêzes, mas também acertar muitas vêzes. A pesca com lança é muito semelhante: em vez de arco e flecha, é usada uma lança, formada de duas flechas unidas. Também nesse caso o índio da frente fica de pé e com uma das mãos dá o golpe no peixe, fisingando-o. A lança é muito mais usada quando se localiza um peixe geralmente grande bem mais ao fundo, nos buracões dos rios. O índio ainda usa o anzol do civilizado para a pesca. Os peixes mais encontrados na região e mencionados pelos índios são: **pyulama** — trairão; **pyuluma** — piranha; **yaitsapa** — tukunaré **napwala** — mandi; **puitya** — matrinchã; **ukipyá** — pacu; **wapí** — peixe cachorro; **walapati** — lambari; **ezupi** — peixe agulha; **tulupi** — pintado.

Qualquer peixe assado tem o nome de **yulaká**, porém a ação de assar o peixe é expressa pela palavra **pehheki**. O ato de pescar é expresso pela palavra **kupatitaku**, isto é, apanhar peixe em geral. Também pode ser expresso pela palavra **nezuhitá**. Finalmente, os Mehinaco têm uma bebida, servida fresca, feita de água com um pouco de mandioca, chamada **tepukaia**. O caranguejo, já um tanto raro, é também muito apreciado pelos índios.

No que se refere ao asseio corporal, não podemos esperar milagres, mas em linhas gerais o índio é geralmente bem asseado, tomando banho geralmente 2 vêzes por dia, bem cedo de manhã, e à tarde, depois dos labores do dia. As mulheres também fazem o mesmo, quando, como já disse, aproveitam para buscar água em grandes panelas de barro, fato que pode ser repetido à tarde, se necessário. Para o banho, como pa-

ra qualquer outra atividade, os índios partem em fila de um, embora se note às vêzes que os casais vão lado a lado e, se acompanhados de crianças, estas vêm geralmente um pouco mais atrás. Se a mulher tem criança de colo, ela a carrega do lado esquerdo, sôbre as cadeiras, como muitas mulheres caboclas também fazem.

As “comodidades” do índio na sua casa são bem reduzidas. Ao lado da rêde de dormir, que também é usada para descanso durante o dia, vemos 2 tipos de bancos ou banquetas: 1) **uyaitsatá?**. Êste é simplesmente um toco de árvore alisado com machado e com 2 reintrâncias para facilitar o transporte. E’ geralmente pesado. 2) **sepi**. Êste também é feito de toco de árvore, porém escavado, dando mais a forma de banqueteta, e bem mais leve. Os Mehinaco, porém, não são mestres na arte de fazer banquetas.

No que se refere a armas, os Mehinaco atualmente usam sômente o arco e a flecha. O arco chama-se **untá**, e a flecha, **oku**. A madeira para o fabrico do arco chama-se **túpu**, madeira flexível e também consistente que êles alisam, ficando mais grossa na parte central e mais fina nas extremidades ou pontas, para que a corda do arco não possa escapar. A corda do arco, chamada **untapi**, é feita de palmeira buriti, da qual extraem a fibra em forma de tiras, unindo depois as partes, por meio de trançamento, até constituir-se uma só corda. A colocação da corda no arco obedece aos seguintes passos: 1) começam a amarrar na parte central do arco, dando um bom número de voltas em redor do mesmo. 2) tomando a outra ponta, acompanham o pau do arco até a extremidades, onde dão um nó característico, que não escapa. 3) então estendem o restante da corda até a outra extremidade, onde fazem outro nó com laço, o qual é enganchado nessa extremidade.

O arco dos índios tem duas posições: uma, de descanso, quando o arco não está sendo usado; e a outra, retesado ou esticado, quando vai ser usado. A mudança de posição é efetuada da seguinte forma: coloca-se a extremidade não removível no chão, e apoiando a perna esquerda sôbre a parte central do

arco, retira-se a ponta da corda que é removível e que possui um laço, e então, torcendo a corda do arco para que se torne mais curta, coloca-se novamente na ponta do arco. O arco, então, apresenta-se bem esticado, e pronto para ser usado. Para voltar à posição de descanso, basta destorcer a corda do arco e colocá-la novamente na ponta.

A flecha é feita de três partes: a primeira é a haste, ou flecha própria dita, feita de tucum, planta da família das bambusa, que produz varas geralmente retas, e é uma madeira leve; a segunda parte é a seta, com aproximadamente uns 30 cm, chamada pelos Mehinaco **kokati**. Esta parte é afinada a faca, e a madeira é bem mais dura e pesada que a primeira parte. A seta é ligada à haste por um orifício feito numa de suas extremidades e por onde é introduzida a seta, em forma de ponta. Além disso, para que as duas partes fiquem bem presas, os índios amarram embiras finas de fibra vegetal. A terceira parte, é a ponta da flecha, geralmente feita de esporão de arraia, e colocada de modo a formar uma fisga. O esporão também é preso com fibra vegetal e coberto com pasta de urucum, para prender melhor à seta. Finalmente, temos as penas, na outra extremidade da flecha, que dão direção à flecha. São colocadas em aberturas feitas ao longo da haste e amarradas à mesma. É interessante notar que algumas flechas possuem as penas em direção espiral, para dar movimento giratório à mesma. O arco e a flecha são os companheiros inseparáveis do índio; já em criança êle recebe do pai um arco e flecha de brinquedo, e mais tarde êle aprende a fazer o seu próprio arco e flecha. O índio nunca sai de sua aldeia sem um arco e várias flechas.

Os índios Mehinaco costumam caçar muito, não pole carne que a caça lhes possa dar, mas pelas penas que podem obter. Entre aves e animais, podemos notar os seguintes: **uzáu** — papagaio; **tuzutabá** — arara; **yumu** — mutum em geral; **ka-parlá** — mutum pintado; **yelakiri** — mutum preto; **kuyui** — jacobi; **kuzu** — tucano; **kupuza** — gavião. A caça de quadrúpedes não é comum. Sòmente caçam macacos quando necessitam

para alimentar mulher que está no tempo do resguardo. Por não apreciarem cachorros, chamados por êles **wayalukumã**, os Mehinaco não caçam onças, que se chamam **yenumáka**. Também parece que há um certo temor e respeito para com a onça. Talvez possa ser o animal totêmico dos Mehinaco. Os Mehinaco contam que há uma onça morando perto do braço do Tuatuari, e onde êles tomam banho. Em várias das casas na aldeia dos Mehinaco podem-se ver várias caudas de sucuri, chamadas por êles **tanakatí**, que são usadas quando dançam. Porém, segundo informações dos próprios Mehinaco, foram obtidas por troca dos Kamaiurá. Quadrúpedes e répteis da região: **yaká** — jacaré; **temi** — anta; **o:i** — cobra; **ipyehú** — capivara; **autu** — porco; **mukuti** — rato.

E' fato notório na aldeia dos Mehinaco o grande número de formigas. E a aldeia dos Mehinaco é conhecida na região, dentre outros nomes, pelo de **sulapapu**, isto é, lugar onde há muita formiga, de **sulapá** — formiga. **Sulapá** é, na realidade, o nome de um tipo de saúva, de côr vermelha. Muito comum também é uma formiga prêta, pequena, chamada **kapá**. Também se encontra muito, especialmente no mato, uma formiga grande e comprida, de côr preta; chama-se **mêi**.

Nos dias de festa, como por exemplo o **Kwarup** e o **Kezuyumeiki**, os Mehinaco se pintam, especialmente nas costas, com animais estilizados, sendo muito comum a pintura de **sucuris** (2). Tal atividade é chamada **nayenatapai**. Desenhar sobre qualquer outra superfície é **pususuká**. Uma atividade muito comum dos índios, desde meninos, é a luta **huka-huka**. Dá a impressão de uma luta greco-romana; os dois contendores se aproximam, cumprimentam-se e então com movimento lateral dos pés, descrevem círculos, um em frente do outro, gritando: "huka-huka-huka-huka!" Então, agarram-se mutuamente e aquêles que tocar o solo com as costas em primeiro lugar, perde a luta.

(2) — Também nessas ocasiões usam uma coroa sôbre a qual colocam um penacho, feito de penas de arara e papagaio, prêsas embaixo com fibra vegetal. Bem no centro há duas penas maiores, bem mais compridas e as demais de um tamanho uniforme, como podemos ver pela figura 8.

No que se refere à educação, não fazem os Mehinaco como os Chavante que constroem uma casa afastada das demais (3), com êsse propósito. Os Mehinaco prendem, como os Tupi, por vários meses o menino que entra na idade da puberdade e também o rapaz que vai entrar na vida adulta, com a diferença que a idade adulta para o índio vem bem antes que para o civilizado. Entre os índios do Alto Xingu em geral, não existe o que chamamos de adolescência; logo depois da puberdade o menino é educado para que domine o mais depressa possível os deveres e as habilidades da vida adulta. A pessoa em questão fica prêsna numa espécie de cercado em sua própria casa, e onde recebe dos chefes da aldeia instrução (instrução iniciatória) para a vida que vai encetar.

Sôbre a importância do fogo para o Mehinaco. O fogo é, para o índio Mehinaco, algo muito importante. Numa aldeia, praticamente o fogo nunca se apaga, quer de dia, quer de noite. De dia é usado pelas mulheres para fazer o preparo da mandioca e para o beiju. À noite é o fogo que protege o índio do intenso frio que se abate sôbre a região. Dormindo cada um em sua rêde, são geralmente as mulheres que tomam conta do fogo à noite. Sabemos quando se trata de casal, porque a rêde do homem fica bem em cima da rêde da mulher, que fica tão baixa, que quase toca o chão. Quando o fogo diminui, em virtude do sono, a mulher aviva-o, assoprando com a bôca ou com um pequeno espanador feito de palha de sapé. O homem, entretanto, tem que prover a lenha, que êle busca em geral antes de o sol se pôr. No caso de índios jovens ou viúvos, êles mesmos fazem e cuidam do fogo durante a noite. Era o que acontecia com dois índios ao meu lado direito: Autuyawá (viúvo), e Napwat (solteiro, jovem, e filho de Autuyawá). O fogo também é usado para endireitar pau de arco e flechas que apresentem defeito. Êles esquentam durante alguns segundos, e depois, apoiando em dois troncos laterais da casa, endireitam o arco ou a flecha. O fogo também

(3) — Erasmo D'Almeida Magalhães, "Aldeia dos Xavantes" (primeiras notas), in *Geográfica*, órgão oficial da Sociedade Geográfica Brasileira, Ano XI, n.º 12, setembro, 1961, pág. 53.

é usado no preparo do urucum (**yo:ku**), e do pequi, que dão óleo usado para se pintarem. O fogo também é usado no preparo das panelas. As panelas são feitas de um barro especial, de côr preta, que os Mehinaco vão buscar no Rio Kurisevu, pois o barro que se encontra nas proximidades quase não tem liga. Quando vão buscar, vão em geral em várias canoas, e depois de lá chegarem, têm que mergulhar, retirar uma areia clara que fica em cima, e apanhar debaixo o barro escuro que serve para a confecção das panelas. Trazem dentro de umas cestas forradas com fôlhas e amarradas com embiras até a aldeia, onde então se inicia o processo de dar forma ao barro e depois o cozimento. São fabricadas panelas grandes, redondas, e pequenas com formato em geral arredondado, porém imitando formas de animais, como tartarugas, cachorros, onças, etc. Antes de serem cozidas, porém, as panelas recebem a tinta, para maior realce do objeto.

Em seguida vou relatar a chegada dos **Pariá**, que são os embaixadores de uma aldeia vizinha, que vêm convidar os Mehinaco para a festa do **Kwarup**. A 25 de junho, mais ou menos ao meio dia, ouvimos gritos continuados por parte de tôda a aldeia dos Mehinaco. Como já esperávamos, eram os **pariá** que estavam chegando. Isso aliás, não era novidade, pois os Mehinaco já há bom tempo que estavam esperando a chegada dos **pariá** da aldeia dos **Kuikúru**, que viriam convidá-los para a festa do **Kwarup**. Antes de chegar prôpriamente à aldeia, foram recebidos pelo capitão dos Mehinaco, o capitão **Ayuruá**, que foi recebê-los no caminho que conduz à aldeia vindo do Rio Kurisevu. Podemos ter um aspecto dêsse encontro pela figura 9. Logo a seguir, os **pariá** fizeram uma rápida visita às principais casas da aldeia Mehinaco, e depois entraram na casa de homem, onde se pintaram, e o chefe dos **pariá** colocou uma espécie de laço ao redor da cabeça. Então êles se dirigem para três bancos, colocados mais ou menos no centro da aldeia, o chefe dos **pariá** ocupando o banco do centro. Êles sentam-se e ficam numa posição com os rostos voltados para o chão, e com uma flecha colocada sôbre o ombro esquerdo, porém o chefe coloca a flecha sôbre o ombro di-

reito, como podemos ver pelas figuras 10 e 11. Durante todo êsse tempo não pronunciam palavra. Então, o capitão dos Mehinaco, saindo de sua casa, e tendo na sua mão uma carabina, posta-se a uns três mestros de distância dos **pariá** e começa a fazer um longo discurso: êle fala que vieram uns embaixadores da aldeia Kuikúru convidá-los para tomar parte num **Kwarup** que se realizaria em sua aldeia. Êle, o capitão, gostaria agora de consultar o seu povo, (que está quase todo êle um pouco mais para trás), para ver o que é que pode decidir. Chama, então, os principais chefes das várias casas e também algumas mulheres, e todos dizem que os Mehinaco agora estão muito fracos, que a doença matou muito Mehinaco, que os Kuikúru são muita gente e que são muito mais fortes, e que os Mehinaco não têm lutadores para enviar à festa do Kwarup. Entretanto, diz êle que vai novamente consultar o seu povo para ver se há alguém capaz de ir lutar com os Kuikúru. Depois de uma pausa, em que o capitão entra novamente dentro de sua casa, volta e comunica que os seus dois filhos vão participar da luta no Kwarup. A um dado momento, o capitão e um dos seus filhos ajoelham-se e parecem dirigir uma prece em linguagem ritmada, e com a voz meio em surdina, e que é feita aos mortos do Kwarup dos Kuikúru. Êste cerimonial é feito várias vèzes, com seu outro filho e também com Kawakanamũ. Essa festa do Kwarup, é uma festa de libertação dos mortos. Os Mehinaco crêem que quando um índio morre, continua vivendo uma vida diferente, porém prêsa à aldeia. Pode até ser visto por alguns dos índios vivos. Quando morre algum índio chefe, ou de importância na aldeia, então os amigos do parente mais próximo do morto, sugerem-lhe a realização do Kwarup, geralmente uns dois anos depois da morte. O Kwarup, porém, liberta todos os mortos, não sòmente o chefe. Logo mais, os dois filhos do capitão surgem de sua casa, todos pintados e com penachos e cinturões e tocando uma flauta muito comprida chamada **kawaná**. Avançam em direção ao centro da aldeia, próximo ao lugar onde se encontram sentados os **pariá** e dão uma volta em redor dos mesmos, em passadas rítmicas e ao som da flauta. Isto parece ter a finalidade de conjurar maus

espíritos e afastar quaisquer más influências do local. Então, finalmente, o capitão comunica aos Kuikúru que os seus dois filhos irão participar das lutas e comunica também que partirão no dia seguinte para a aldeia deles. A cerimônia termina com uma conversa informal entre os **pariá** e os Mehinaco. Os Kuikúru não se demoram muito, logo voltam para a sua aldeia.

Ainda com relação a rituais de afastamento, mesmo em dias comuns, quando não há nada de anormal, êles podem ser observados, além da conjuração de maus espíritos. Êsses mesmos índios, filhos de **Ayuruá**, saem de sua casa em uma festa, e algumas vezes acompanhados por uma menina em idade de casamento, que coloca a mão esquerda sôbre o ombro direito do índio, avançam ritmicamente pelo centro da aldeia e entram nas várias casas para livrar as mesmas de más influências e até de doenças. Aqui devemos declarar que quase todos os membros da casa do capitão Ayuruá são Pajé, ou recebem instrução sôbre isso; muitas vezes diziam: “eu estou ficando um pouco Pajé”. O próprio capitão é o chefe dos Pajé. Como estava dizendo, então, os dois filhos do capitão, entram nas casas marchando ritmicamente, primeiro um e depois o outro, e no espaço livre que existe em frente da porta em tôdas as casas, descrevem uma série de movimentos circulares, um dos índios ficando mais à esquerda e o outro mais à direita, e ao girarem as suas longas flautas, entrecruzam as mesmas, sem porém tocarem uma na outra. Enquanto isso acontece, continuam tocando a flauta. Depois de um pequeno descanso, saem dessa casa e repetem o processo em outra casa, até terem passado por tôdas. Outro fato bastante interessante e assaz comum, pois acontece quase todos os dias, é que pelo menos um índio da aldeia aparece com a cabeça (e os cabelos) pintados com uma grossa camada de óleo de pequi. Esta prática também está ligada à conjuração de más influências.

O ritual que se realiza durante um eclipse, chamado pelos índios de **kezu-iumeiki**, ou seja “lua sangrenta” ou “lua sangue” como dizem os índios quando falam o português, é também muito interessante e característica.

No dia anterior ao eclipse, isto é, 5 de julho, todos puderam observar que a lua estava quase no seu plenilúnio, pois estava quase completamente redonda e tinha nascido um pouco antes do sol se pôr. Na tarde seguinte, porém, exatamente na hora em que o sol se ia pondo, quando se aproximava a hora de a lua surgir no horizonte mais bonita e mais brilhante ainda, surgiu ela já pela metade, fato que despertou primeiro curiosidade, as perguntas mais descontraídas, e em dado momento, quando os índios perceberam como se encontrava a lua, cortada pela metade, e que aquilo não era impressão mas fato, desataram êles a correr e a gritar, emitindo gritos agudos, e a atirar flechas para todos os lados e a disparar as carabinas. Segundo pude apurar no momento, isto também era para afastar maus espíritos, pois quando a lua fica assim, muito espírito ruim anda por perto. Tocam também nessa ocasião, as suas flautas, tanto a **kawuká** como a **kawaná** e também uma outra, muito grossa e curta, chamada **yanapi**. A gritaria e a correria continuam por longo tempo. Então os índios começaram a armar uns tripés com as flechas, em determinados pontos do centro da aldeia. Ficaram prontas no fim cêrca de 18 dessas armações, que, segundo os índios me informaram, eram os que tinham morrido, vítimas de uma epidemia de sarampo há pouco tempo atrás. Foram precisamente 14 mulheres e 4 homens que sucumbiram, numa aldeia de perto de 70, constituindo portanto pouco mais de 25% do total, o que constitui um número muito grande de mortes. Na casa onde estava alojado, por exemplo, somente um dos índios, **Autuiawá**, tinha perdido duas filhas em idade de casamento. Depois que as armações ficaram prontas, aquêles que perderam os seus entes queridos desataram a lamentar e a chorar, vertendo copiosas lágrimas, e com soluços intermináveis. Isto tudo se arrasta por várias horas.

Ao mesmo tempo, quase todos os homens mais importantes da aldeia, tendo à frente o capitão, em filas de três a quatro, e com os braços entrelaçados uns aos outros, e tendo as mulheres à sua frente, começam uma espécie de dança, num

vai-vém constante e ininterrupto. Entoavam, ao mesmo tempo, uma melodia um tanto lenta porém rítmica, que, com o tempo, era cantada mais rapidamente. Essa melodia deve ter associações com os seus mortos. Depois de muito cantarem, paravam um pouco, para logo em seguida reiniciarem o mesmo cântico. Tudo isto se realizava bem perto das armações e do lado esquerdo. Passado muito tempo, as mulheres se separaram dos homens e estes iniciaram outro canto, mais triste e mais grave, no mesmo local. As mulheres, por sua vez, voltando-se para o lado da casa de **Ayuruá**, a casa do capitão, começaram um canto um tanto mais rápido e mais alto, mantendo um movimento de vai-vem, com os braços dados, avançando até bem perto da porta da casa de **Ayuruá**, para depois irem recuando até bem perto das armações.

Já decorridas várias horas, o eclipse desenvolveu-se e a lua agora já se apresentava bem maior, e pouco a pouco a sombra foi desaparecendo. Estava terminado o ritual. Todos se recolhem, o choro cessa, ficando apenas as armações no centro da aldeia.

Entretanto, a influência desse dia vai até o dia seguinte. Tôda a comida e tôda a água que tenha sobrado do dia anterior é lançada fora. Acreditam os índios que assim como a mulher tem as menstruações, assim também a lua, e que no dia da “lua sangue” caem os excrementos dela, e portanto nem a comida nem a água podem ser aproveitados. Também acreditam as mulheres que, sendo casadas e não tendo ainda filho, não podem sair nesse dia, sob pena de ficarem estéreis. Essas mulheres, portanto, permanecem recolhidas nas suas casas.

Em tôda a região do Alto Xingu, como me disse **Pitsá**, irmão de **Aritsé**, no dia seguinte ao do eclipse, há duas coisas: de manhã cerimônias de cura pelos Pajé, em tôdas as casas da aldeia, e mais tarde no dia, as trocas, ou como dizem os **Mehinaco**, **urlúki**.

Aqui gostaria de dizer alguma coisa sobre os Pajé e suas cerimônias de cura. Como já disse algures, na aldeia dos **Mehinaco** o chefe dos Pajé é o capitão **Ayuruá**. Há lá ao todo

uns sete ou oito Pajé. Na manhã seguinte à lua sangue, chegaram logo cedo na casa onde me encontrava e logo começaram a fazer as suas práticas para o índio **Kawakanamú**, que há tempos dizia que não estava bom. Primeiro, ao entrar, sentam-se em redor da rêde do doente e começam a fumar uns cigarros muito fortes feitos por êles mesmos. Êstes cigarros são fôlhas de fumo enroladas e atadas com fibra e colocados sôbre o fogão para secar. No seu devido tempo, são usados pelos Pajé para cerimônias de cura, de iniciação à condição de Pajé, ou simplesmente para serem fumados pouco antes do cair da noite. Apenas gostaria de ressaltar que o cigarro ou charuto de iniciação é muito longo, e o candidato a Pajé tem que fumá-lo todo de uma vez. Em caso contrário, não pode ficar Pajé. Logo depois de se assentarem próximos ao doente, começam a fumar. Depois de muito fumarem, começam a entoar certos cânticos mântricos, rítmicos, donde pude distinguir claramente, a senha “hau-hé”, que deve ter valor mágico. Acompanha essa entonação rítmica uma espécie de chocalho, usada sòmente nesse ocasião. Depois, um dos principais Pajé começa a examinar o corpo do doente e a soprar com o fumo sôbre o mesmo, especialmente no tronco, em direção aos braços e às pernas. Depois de fazer isto várias vêzes, enquanto os demais continuam fumando e entoando ritmicamente os mantras, um ou dois dêles começam a fazer com os lábios um movimento de sucção, sôbre o corpo do doente, como querendo chupar algo que não se vê. Começam o movimento próximo à cabeça, e vão descendo até as extremidades dos membros. Então, suspendendo a respiração, porém emitindo como que ventriloquamente, uns grunhidos característicos, vão até a parede de palha que limita a casa, e lá soltam o ar contido nos pulmões, também com uma série de grunhidos e repetindo logo depois certas palavras em surdina, enquanto que permanecem na posição de cócoras. Então voltam para o doente e executam novamente um movimento semelhante. Todo êste ceremonial leva várias horas, ao fim do qual dizem que tiraram para fora a doença. Êles nunca soltam o ar contido nos pulmões nas portas das casas, mas nas frestas das paredes. A

porta de trás da casa fica fechada para que a doença não entre novamente. O índio somente acredita em doença anímica, nunca em doença de origem física, embora aceite remédios de civilizados para curarem certas doenças. Terminado o ritual, o doente em geral paga o serviço, dando algum presente, como por exemplo um cinturão, no caso de Kawakanamú. Os Pajé também efetuam cerimônias de cura longe do doente, na casa de homem. Foi o que aconteceu alguns dias antes do eclipse, quando uma mulher ficou muito mal. Em resultado de práticas sobre essa mulher, ela ficou tomada vários dias, gritando desesperadamente como vítima de terríveis visões. Ao fim de algum tempo, estava pálida como morta, mas tinha-se a impressão de estar calma e aparentemente curada.

Depois de terminadas as cerimônias de cura, começam as trocas. Em toda a região do Alto Xingu há um intenso comércio por parte das várias tribos indígenas. Nesse dia porém, há um grande movimento de trocas dentro das tribos. Primeiro são os homens que realizam as trocas, depois as mulheres. Um dos filhos do capitão, chamado Munaí, fez o papel de juiz. Ele senta-se sobre uma banqueta, no espaço vago que fica em frente à porta de saída, e fica olhando para o chão, à sua frente, onde serão colocados os objetos para troca. Ele é que vai verificar se as trocas são equitativas ou não; mas parece que em geral agem corretamente. As trocas se iniciaram quando um índio da casa do capitão colocou um conjunto de um arco e duas flechas. Então, qualquer índio que estiver interessado nesses objetos vem e coloca os seus, que nesse caso foi um certo número de anzóis e uma porção de nylon para pesca. O outro índio traz os seus objetos, leva o arco e flechas e depois o primeiro índio recolhe os anzóis e o nylon. Também acontece o caso de ninguém se interessar por um objeto, então quem colocou, decorrido certo tempo, recolhe novamente o que lhe pertence. Depois dos homens vêm as mulheres, agindo dentro dos mesmos princípios. Os objetos mais comuns são cuias, algodão, fusos, espelhos, rodilhas, etc. Todas essas trocas são feitas com muita calma e sem pressa alguma.

Uma nota final sôbre a educação das crianças: é fato notório que os Mehinaco não surram os seus filhos. O índio cresce aprendendo que tem que respeitar os chefes da aldeia, da casa, os pais e os mais velhos. Também nunca pude observar brigas corporais entre as crianças ou púberes, embora uma vez ou outra se desentendessem um pouco. O índio é em geral muito paciente. Mesmo à noite, quando muitas vêzes as crianças pequenas ficam manhosas, as mães nunca perdem a paciência e a calma, mas ninam as crianças com uma espécie de sôpro ou assobio, característico das mulheres. Em verdade, nos seus tratos, muitas vêzes os índios dão muitas lições aos civilizados. Eles são pacientes até com alguém que seja indolente, como era o caso de **Lapiku**, um índio que não tinha roça e que era um parasita.

A vida entre os Mehinaco é realmente comunitária, embora primitiva. Nada do que ocorre na aldeia passa despercebido por qualquer um. Ao contrário, o mínimo acontecimento é compartilhado por todos. Estas são algumas das impressões sôbre os índios Mehinaco do Brasil Central. Assim que fôr possível, escreverei um outro artigo sôbre alguns aspectos da língua dos Mehinaco.